



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

O PAPEL DA PROSÓDIA NA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: REFLEXÕES TEÓRICAS

Daniela Cristina Dias Menezes⁶³⁰
(UESB)

Vera Pacheco**
(UESB)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo fornecer um panorama das discussões a respeito da aquisição da linguagem no campo da fonologia. Serão apresentadas teorias que tem seu foco na aquisição dos segmentos fônicos e teorias que privilegiam a função da prosódia nesse processo. Uma ênfase especial será dada ao trabalho de Scarpa (1999) e à discussão sobre a hierarquização no aprendizado de constituintes prosódicos.

PALAVRAS-CHAVE: Aquisição. Hierarquia. Prosódia.

INTRODUÇÃO

Um dos problemas clássicos discutidos por teorias que buscam explicar o processo de aquisição da linguagem é a distinção entre o que é natural e o que é aprendido. A abordagem gerativista assume uma posição inatista ao defender que a criança já nasce dotada de uma gramática universal, permitindo que parâmetros específicos sejam ativados através do contato do bebê com sua língua materna. Assumir a posição inatista, no entanto, apenas abre o leque para novas indagações

⁶³⁰ Mestranda em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e bolsista CAPES/CNPq. E-mail: danielacdm@yahoo.com.br.

** Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Professora Adjunta de Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: vera.pacheco@gmail.com.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

a respeito de como a herança recebida pela criança – em sua forma potencial - se transforma em língua. Dentre as várias questões colocadas, podemos destacar: Qual é a relação entre percepção e produção? Existe um tempo ideal para a aquisição da linguagem? Existe hierarquia no desenvolvimento dos diversos aspectos da língua (morfofossintático, semântico, fonológico)? De que maneira esses aspectos estão inter-relacionados?

Os estudos na área de aquisição da linguagem, sejam eles experimentais ou longitudinais, têm em comum o registro da produção da criança (output) após a exposição a um estímulo – fala do adulto (input). Esses registros permitem uma melhor compreensão das fases de desenvolvimento da linguagem, mas não há consenso sobre como a produção (output) reflete a organização interna do processo de aquisição. Desse modo, a pergunta: “O que exatamente a criança sabe?” suscita vários modelos de interpretação dos dados coletados.

Pinker (2002) descreve os estágios de aprendizado da linguagem. O referido autor cita a pesquisa dos psicólogos Mehler et al (1988) para exemplificar o quão precoce se inicia o interesse da criança pela sua própria língua. Essa pesquisa mostra que bebês franceses com quatro dias de idade sugam suas chupetas com mais força quando escutam a língua francesa do que quando escutam a língua russa, evidenciando um reconhecimento da prosódia do seu idioma, com a qual eles têm contato quando ainda se encontram no útero de suas mães. Aproximadamente aos seis meses, começam a brincar com fonemas, balbuciando sílabas como ba-ba-ba e di-di-di, independentemente de qual seja a sua língua materna. Por volta dos dez meses, os bebês param de discriminar os sons não distintivos da sua língua. As primeiras palavras são emitidas por volta de um ano, sendo que há uma grande evolução linguística a partir dos dezoito meses, quando a sintaxe tem início (a criança passa a usar combinações de duas palavras como “Pega leite”, geralmente na ordem correta). O passo final acontece entre o segundo e o quarto ano de vida, quando a criança passa a construir frases que



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

integram narrativas e mostram a sua fluência gramatical. Pinker chama a atenção para o fato de que essas fases são universais, embora possa haver uma diferença grande em relação ao tempo que cada criança precisa para passar por elas. Ele também critica a ênfase dada por alguns pesquisadores aos erros gramaticais cometidos por crianças de aproximadamente quatro anos. Segundo o autor:

Os erros que as crianças cometem raramente são uma bobagem qualquer. Geralmente seguem a lógica da gramática de modo tão maravilhoso que o enigma não está em por que as crianças cometem os erros, mas por que eles soam como erros para o ouvido adulto (PINKER,2002, p.347,348).

O objetivo deste estudo é fazer uma revisão das propostas feitas dentro da teoria fonológica para representar os estágios da aquisição da linguagem. A fonologia trata desse tema a partir de dois tipos de pesquisa: as que abordam a aquisição dos segmentos fônicos (vogais e consoantes) e as que abordam os aspectos suprasegmentais (ritmo, entonação, frequência). Faremos uma breve discussão dos primeiros e nos focaremos nos últimos, principalmente na análise feita por Scarpa (2001) sobre o papel da prosódia na aquisição da linguagem.

Aquisição fonológica de segmentos

Macken (1995) cita o trabalho de Jakobson (1968) como central para a discussão da hierarquia na aquisição de segmentos. Jakobson acreditava não haver diferenças entre a estrutura subjacente da língua das crianças e àquela de seus pais, já que um sistema fonológico universal está disponível para os bebês desde o nascimento. O processo de aquisição fonológica envolve basicamente a construção do inventário de sons da língua mãe da criança, em que cada som é marcado dentro de um sistema binário. A ordem de aquisição dos segmentos seria invariável e obedeceria a um critério hierárquico que define que os sons mais contrastivos são adquiridos primeiro. Dessa forma, as consoantes oclusivas são



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

adquiridas antes das fricativas, e as fricativas antes das africadas. Dentre as críticas discutidas por Macken à proposta de Jakobson, podemos destacar o fato de variações na ordem da hierarquia de aquisição terem sido registradas por outros estudos – Pye, Ingram e List (1987) mostram que as africadas são adquiridas mais cedo na língua espanhola – e o foco estar apenas na percepção dos sons, desconsiderando-se possíveis problemas de articulação ou erros na representação fonológica.

Fikkert (2000) compara a teoria fonológica de Jakobson à de Smith (1973). Este autor difere daquele ao não caracterizar a aquisição como um processo de aprendizagem de distinções, mas ao defender que a criança possui um sistema de regras fonológicas que devem ser desaprendidas para que ela desenvolva uma língua igual à de adultos. Dentre as regras de realização a serem eliminadas estão os processos de assimilação como a reduplicação (uma sílaba ou parte de uma sílaba é repetida na produção da palavra) - ex: [pe'peta] para a palavra chupeta - e processos de substituição (um tipo de fonema é substituído por outro) - ex: [ma'zã] para a palavra maçã (substituição de um fonema desvozeado por um vozeado). A teoria de Smith, assim como a de Jakobson, explica apenas a aquisição de segmentos e não considera as palavras como um todo. Teorias de aquisição que incluem a análise de aspectos suprasegmentais como a entonação e o ritmo verificam como a percepção do acento frasal (acento que marca o contorno entoacional) molda a produção da fala da criança. A teoria de Scarpa (1999), uma análise prosódica de observações feitas com crianças falantes do português brasileiro, será apresentada a seguir.

A pesquisa de Ingram (1974) identifica diferenças entre as formas das palavras pronunciadas por adultos e crianças, avaliando a estruturação das sílabas. A referida autora analisa os seguintes processos de produção silábica na fala da criança:

1. Apagamento da consoante final (ex. a forma [k_↓] para o inglês *cat*).



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

2. Redução de *cluster* consonantal (ex. a forma [ʊbakə] para o inglês *blanket*).
3. Apagamento de sílaba não acentuada (ex. a forma [ʊnɛnɛ]) para o inglês *banana*).

A fonologia suprasegmental, ao interpretar essas diferenças, rejeita a hipótese de que as crianças não produzem as sílabas átonas porque não as percebem (a criança produz sílabas átonas em outros contextos fonológicos). A questão fundamental é descobrir como a criança aprende a marcar sílabas tônicas. Esse aprendizado pode ser lexical ou pode estar associado à percepção de padrões rítmicos e entoacionais da língua.

Nespor e Vogel (1986) propõem a existência de constituintes prosódicos que são dispostos hierarquicamente. A sílaba é o constituinte que ocupa a posição mais baixa na hierarquia, sendo que sílabas se organizam em pés para formar as palavras fonológicas. Estas se organizam para formar frases fonológicas, que possuem um acento frasal muitas vezes diferente do acento lexical. O falante da língua precisa fazer ajustes para garantir a manutenção do ritmo próprio da língua. Há duas hipóteses que explicam a aquisição da prosódia: a primeira sugere que a criança começa aprendendo os constituintes mais baixos (pela sílaba, portanto) até alcançar os constituintes mais altos; a segunda sugere o caminho inverso (os constituintes mais altos são aprendidos primeiro). Scarpa (1999) denomina essas duas hipóteses, respectivamente, de hipótese *bottom-up* e hipótese *top-down* para a aquisição da linguagem.

Santos (2007) cita Fikkert (1994) e Demuth (1995) como exemplos de autoras que defendem a hipótese *bottom-up* de aquisição da linguagem. Como evidência teórica, as autoras ressaltam o fato de que as primeiras produções da criança são palavras monossilábicas, o que sugere que elas estão trabalhando no nível mais baixo da hierarquia prosódica. A maioria das crianças falantes da língua inglesa produz a forma [du] para a palavra *juice*, por exemplo. O desenvolvimento



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

da linguagem aconteceria através da superação de estágios. Santos (2007, p. 226-227) exemplifica os estágios propostos por Demuth (1995):

Estágio I: a sílaba CV
Estágio II: palavra mínima do tamanho do pé binário
Estágio III: palavra mínima maior do que o pé binário
Estágio IV: palavra fonológica (forma adulta).

Scarpa (2001) critica a interpretação *bottom-up* por esta não levar em consideração o fato de que as primeiras formas produzidas pelas crianças, mesmo quando contêm apenas uma sílaba CV, são portadoras do acento frasal. Isso indica que elas estão trabalhando com um constituinte superior na hierarquia prosódica. Santos (2007) apresenta argumento a favor da proposta de Scarpa ao ressaltar que:

(...) a criança só começa a lidar com as fronteiras internas das palavras (no sentido que elas têm na língua adulta) aos 1;9. Gebara (1984) defende que até 1;10 as “palavras” dos enunciados das crianças também não têm o mesmo significado da forma adulta. Assim, coloca-se em questão o fato de crianças estarem lidando com palavras nesta fase (SANTOS, 2007, p. 237).

As palavras produzidas pela criança podem ser interpretadas como enunciados. Elas são emitidas em conjunto com gestos, entonação e qualidade de voz, e assim não podem resumir-se a um significado puramente denotativo. A criança está se expressando na língua, mesmo que ainda não tenha desenvolvido uma estrutura sintática e morfológica que a permitam emitir enunciados complexos.

A pesquisa de Scarpa (1999) analisa os “filler-sounds” (sons preenchedores) presentes na fala de crianças como evidência do papel da prosódia na aquisição da língua. Nessa pesquisa, Scarpa acompanha o desenvolvimento linguístico de duas crianças, R. e T., na faixa etária entre 1;3 e 2;6 anos. Os sons preenchedores são aqueles que não têm uma correspondência exata na fala adulta,



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

mas estão presentes na fala infantil, geralmente ocupando posições sintáticas. No português brasileiro, eles preenchem posições fracas, à esquerda da sílaba que porta o acento frasal. Alguns pesquisadores interpretam estes sons como prova de que a criança já possui conhecimento da organização sintática da língua, enquanto outros pesquisadores, como Scarpa, acreditam que eles preenchem posições fonológicas.

Dentre os dados coletados por Scarpa, destacamos os seguintes dados de T. (registrados entre 1;11 e 2;3):

- 1- OÚlete (para *leite*)
- 2- m?Úbiso (para *bicho*)
- 3- tiÚlo (para *tirou*) (cf. SCARPA, 1999, p. 265)

Scarpa aceita a proposta do troqueu (forte-fraco) como o pé básico do português brasileiro. A criança, no entanto, insere um *filler sound* à direita de troqueus perfeitos como nos exemplos 1 e 2. T. vê a necessidade de inserir uma sílaba fraca antes da sílaba forte. Esta alternância fraco-forte-fraco não caracteriza uma regra lexical do português brasileiro, mas sim uma regra rítmica (em um nível pós-lexical, o ritmo do português mostra proeminência à direita). A criança está projetando regras de níveis superiores (o ritmo da frase entoacional) sobre um nível inferior (o nível lexical, ainda não dominado por ela).

Outro estudo realizado com frases dos mesmos sujeitos T. e R., feito por Abaurre, Galves e Scarpa (1999), traz dados que reforçam a hipótese *top-down* de aquisição da linguagem. Este estudo interpreta o uso por esses sujeitos do sândi externo em enunciados com duas ou mais palavras. Os tipos de sândi externo considerados foram os seguintes:

1. Elisão – apagamento da primeira de duas vogais de qualidade diferente.
Ex.(Ele compr[ú]vas cáras) para (Ele compra uvas caras).
2. Degeminação –apagamento da primeira de duas vogais idênticas.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Ex. (Ele plant[á]rvores altas) para (Ele planta árvores altas).

O sândi é um processo muito eficiente para aumentar a velocidade da fala, mas é bloqueado em alguns contextos. Segundo as referidas autoras, ele é categoricamente bloqueado quando a segunda vogal porta o acento frasal, ou seja, o acento entoacional. Os seguintes exemplos aparecem no estudo citado:

1. *Ele compr[ú]vas.
2. *Ele plant[á]rvores.

Dados coletados da fala de R. demonstram que ela não aplica a regra de sândi externo quando a segunda vogal recebe o acento frasal. Em outros contextos, no entanto, a aplicação dessas regras é instável e a criança pode usar elisão ou degeminação diferentemente dos adultos.

R. produz (ol[a é]u) para *olha eu* e não (*ol[é]u). Essa restrição à regra de aplicação do sândi não foi violada em nenhum dado do corpus. Para a frase *agora o carrinho*, R. aplica a regra de sândi corretamente e produz (agol[u]carrinho).

Um exemplo encontrado no corpus do uso inadequado da aplicação do sândi é a forma (quinq[é]siaqui) para o input *quem que é esse aqui?* R. reconhece corretamente a posição do acento frasal [a.Úki] e aplica o sândi no começo da oração, apagando uma saliência lexical mantida pelos adultos. As autoras interpretam esse fato como uma inabilidade da criança em atribuir todos os acentos lexicais corretamente e em distinguir precisamente a fronteira das palavras. A partir do momento em que a criança passa a dominar a grade métrica da sua língua, suas escolhas no uso de elisão e degeminação se assemelharão às dos adultos.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

CONCLUSÕES

O mesmo dado pode gerar interpretações opostas por teorias fonológicas diferentes. Na área de aquisição da linguagem, o pesquisador pode controlar o input (fala apresentada à criança) e registrar o output (forma produzida pela criança). O processo fonológico responsável pelas diferenças entre as formas do input e do output, entretanto, não é visível. Sabemos que as crianças começam a falar produzindo primeiramente formas simples e desenvolvem suas habilidades linguísticas até conseguirem produzir enunciados iguais aos dos adultos. Mas o que exatamente isso significa? O que a criança aprende primeiro? A resposta a essas questões, como foi mostrado nesse trabalho, é sempre propositiva.

A teoria de Scarpa tem a vantagem de interpretar os dados output autonomamente em relação ao input do adulto. Isso é importante considerando-se que a criança, ao imitar o som emitido pelo adulto, pode estar atribuindo um significado diferente a ele. Uma mesma forma é compreendida de modos distintos em diferentes estágios de desenvolvimento da linguagem. A palavra 'pai', por exemplo, pode compreender todos os indivíduos do sexo masculino em um determinado momento, para só depois ter o sentido compartilhado pelos adultos. Da mesma maneira, uma palavra na fala da criança pode representar uma frase entoacional completa, evidenciando o lugar privilegiado da prosódia na aquisição da língua materna. Segundo Scarpa (1996), a prosódia tem dupla função na aquisição da linguagem: contribui para a construção da subjetividade e para a estruturação de outros domínios linguísticos. O limite entre palavras não é físico e a prosódia ajuda as crianças a segmentar a língua (construindo seu léxico) e a organizá-la (estruturando sua sintaxe). O desenvolvimento da linguagem leva tempo e a criança precisa organizar – e muitas vezes reorganizar – suas teorias fonológicas. Compreender de que maneira a criança age como linguista é o grande desafio para as teorias de aquisição da linguagem.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M.B.; GALVES, C.C.; SCARPA, E. M. A interface fonologia-sintaxe. Evidências do português brasileiro para uma hipótese top-down na aquisição da linguagem. In: SCARPA, E. M. (org.) *Estudos de prosódia*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999, p.285-323.
- DEMUTH, K. Markedness and the Development of Prosodic Structure. In: BECKMAN, J. (org.) *Proceedings of the North East Linguistic Society*. Amherst: GLSA, 1995, vol.25, p.13-25.
- FIKKERT, P. Acquisition of phonology. In: CHENG, L.; SYBESMA, R. (editors), *The First GlotInternational State-of-the-Article Book. The Latest in Linguistics*. Berlin / New York : Mouton de Gruyter, 2000, p.221-239.
- FIKKERT, P. On the acquisition of prosodic structure. Tese de doutorado. Leiden: Leiden University/Holland Institute of Generative Linguistics, 1994.
- INGRAM, D. Phonological rules in young children. In: *Journal of Child Language* 1, 1974, p. 29-64.
- JAKOBSON, R. *Child language, aphasia and phonological universals*. The Hague: Mouton, 1941/68.
- MACKEN, M. A. Phonological Acquisition. In: GOLDSMITH, J. A. (editor). *The handbook of phonological theory*. Cambridge, USA: Blackwell Publishers Ltd, 1995, p. 671-696.
- MEHLER, J.; JUSZYK, P.W.; LAMBERTZ, G.; HALSTED, N.; BERTONCINI, J.; AMIELTISON, C. A Precursor to language Acquisition in young infants. In: *Cognition*, 1988, v.29, n. 1, p. 43-79.
- NESPOR, M. ; VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.
- PIE, C.; INGRAM, D.; LIST, H. A comparison of initial consonant acquisition in English and Quiche. In: NELSON, K. E. ; VAN KLEECKS (editors). *Children's language*. Hillsdale, NJ: Eelbraum, 1987, Vol. 6, p. 175-190.
- PINKER, S. *O instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- SCARPA, E. M.. Duas marginalidades e falsas expectativas na aquisição da prosódia. In: CASTRO, M. F. P. (org.) *O método e o dado no estudo da linguagem*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996, p.87-110.
- SCARPA, E. M. Sons preenchedores e guardadores de lugar: relações entre fatos sintáticos e prosódicos na aquisição da linguagem In: SCARPA, E. M. (org.) *Estudos de prosódia*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999, p. 253-284.
- SCARPA, E. M. Aquisição da linguagem. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A.C. (org.) *Introdução à linguística – domínios e fronteiras – 2*. São Paulo: Cortez, 2001, p.203-231.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

SMITH, N.V. *The acquisition of phonology: a case study*. Cambridge: Cambridge University Press, 1973.